

HOMENAGEM AOS QUEIXADAS

QUEIXADAS!

Assim ficaram conhecidos os combatentes lutadores, operários da Indústria Brasileira de Cimento Portland PERUS, pertencente ao poderoso grupo industrial paulista da época, J.J. Abdala.

Os operários da Perus e da Pedreira de Cajamar, que lhe garantia a matéria-prima para a fabricação de cimento, decidiram ir à greve, juntamente com outras categorias de trabalhadores, pertencentes ao mesmo grupo industrial, em 14 de maio de 1962.

No decorrer dessa greve, que durou aproximadamente três meses, os companheiros conquistaram a solidariedade política e material da população de São Paulo. Organizaram passeatas conclamando a solidariedade necessária para resistir à contundência da luta. Conseguiram receber a solidariedade dos governos dos Estados do Paraná e do Rio Grande do Sul.

Os Queixadas enfrentaram corajosamente desafios e dramas decorrentes da sua decisão de confrontar o patrão J.J. Abdala. Aos 35 dias da greve, o patrão negociou em separado com parte das categorias em greve, deixando os Queixadas isolados. A repressão cresceu de intensidade, principalmente pelo apoio que o grupo J.J. Abdala passou a receber da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Houve a participação direta de sua presidenta, deputada Conceição da Costa Neves, que mandou distribuir panfletos com ameaças aos grevistas e famílias, para forçá-los a voltar ao trabalho. Nada intimidou os combalidos Queixadas. Nem mesmo a comissão por justa causa de mais de mil grevistas que, para resistir, viram-se obrigados a intensificar sua luta política em busca de apoio. A partir desse momento precisaram travar a luta nos tribunais de Justiça, na qual obtiveram a decisiva participação do saudoso companheiro e militante, o advogado Mário Carvalho de Jesus.

Mais de seis anos depois, os Queixadas conquistaram uma histórica vitória política, ganhando no Tribunal Superior do Trabalho a garantia do retorno ao trabalho na fábrica, recebendo dia após dia, como se tivessem trabalhado, conforme determinava a Lei de

Estabilidade no Emprego, existente naquela época. A vitória só foi conseguida pelos operários estáveis, ou seja, aqueles com mais de dez anos trabalhados na fábrica. Foi preciso esperar mais seis anos para receberem a indenização conquistada.

No decorrer do enfrentamento, os Queixadas recorreram ao seu braço político, a Frente Nacional do Trabalho (FNT) - que a partir de 1985 passou a se chamar Frente Nacional dos Trabalhadores -, fundada pelos próprios Queixadas, ao lado de trabalhadores de outras categorias, em 27 de maio de 1960.

O golpe civil-militar de 1964, a exemplo do que ocorreu em outros combativos sindicatos, interveio em seu Sindicato. Precisaram formar uma *comissão de fábrica*, que lhe deu condições de prosseguir a luta, com a decisiva participação da FNT. Os trabalhadores denunciaram o governo brasileiro na Organização Internacional do Trabalho (OIT) contra a violação do Direito de Livre Organização Sindical dos Trabalhadores. Com a denúncia, os Queixadas conseguiram uma vitória inédita: o seu Sindicato foi um dos primeiros sindicatos brasileiros que tiveram a intervenção suspensa pelo governo brasileiro, sob determinação da OIT. Consideramos que a luta dos Queixadas, por suas conquistas, continua ainda inédita na história do sindicalismo brasileiro.

Homenageamos os saudosos companheiros João Breno Pinto, ex-presidente do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias do Cimento, Cal e Gesso de São Paulo e uma das principais lideranças dos Queixadas; Sebastião Fernandes (Sebastião Carpinteiro), ex-dirigente do Sindicato e do mesmo modo uma das principais lideranças dos Queixadas; e o advogado Mario Carvalho de Jesus, companheiro de todas as horas e "irmão". Com isso, homenageamos todos os companheiros Queixadas e seus familiares.

Salvador Pires (ex presidente da FNT nos mandatos 1976-1978; 1979-1981; 1985-1988; 1989-1991)

pires.salvador@hotmail.com

Sidney Fernandes Cruz, presidente do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias do Cimento, Cal e Gesso de São Paulo.

firmenente@ig.com.br

Perus

1914 - Criação da Cia Industrial e da Estrada de Ferro Perus Pirapora, tombada pelo governo estadual em 1987

1924 - Criação da Cia Brasileira de Cimento Portland de Perus por um grupo canadense

1950 - JJ Abdalla assume a fábrica

1954 - Começa a assessoria sindical baseada na não violência ativa, hoje firmeza permanente

1954 - Início do trabalho na Perus

1958 - Construção da sede do sindicato

1) 1958 - Greve de 46 dias. Os trabalhadores ^{pediam 40%} aceitavam reajuste ~~menor~~ salarial se o preço do cimento fosse diminuído

1962 - Não existia uma lei de greve, valor da não violência. Havia quatro sindicatos: Alimentos de Piraju, Têxteis de Jundiaí, Papel e papelão de São Paulo e os queixadas de Perus. Total de 3500 trabalhadores. As reivindicações em comum não atendidas motivaram a greve declarada em 14 de maio de 1962

Um trabalhador atirou uma pedra no para-brisas do carro do delegado do Deops. Houve pancadaria sem reação do grupo grevista e nem de quem atirou a pedra, já que ele estava trabalhando no outro dia na fábrica.

Greve de fome na porta do Palácio, escurraçados a pauladas e pontapés os participantes foram para o Largo de S. Francisco.

2) Em agosto de 62 houve ação dos pelegos. Conceição da Costa Neves e os pelegos "funcionaram a fábrica". ^{por conta da proteção da polícia}

1) Detalhe: ^{resaram as mulheres mães e filhas} Abdalla faz acordo com os três sindicatos para que eles abandonassem a greve. Na Perus, os trabalhadores não estáveis foram demitidos após julgamento. Restavam 501 estáveis que em 1969 foram reintegrados com direito a receber os salários retroativos de sete anos de greve (2448 dias). Houve cotização dos trabalhadores para com aqueles que foram demitidos. Quem pagou os trabalhadores foi o Governo Federal

1983 - Declaração de utilidade pública 294/ moradias de trabalhadores de Cajamar

1986 - Confisco e última greve

1992 - 30º aniversário da do início da greve de sete anos

Área de Perus - 23 alqueires e 667 m de área construída, além das vilas operárias. Havia mais de 100 casas e 20 milhões de pés de eucaliptos.